

Nome imprescindível do rock gaúcho, Carlo Pianta é uma das mais inquietas mentes criativas da cultura do Estado, explorando novos caminhos na arte e na academia

Reportagem Cultural



RAUL KREBS/DIVULGAÇÃO/JC

SINCRONIZANDO PIANTA: ROCK'N'ROLL, BOSSA NOVA E A DISCIPLINA DO CRAFT

Cristiano Bastos, especial para JC

“Minha relação com o Carlo Pianta é de admiração. Pelo músico que ele sempre foi mas, depois, pelo excelente estudioso de literatura que ele mostrou ser”, afirma o professor Luís Augusto Fischer. Pianta fez mestrado sobre João Gilberto e a Bossa Nova, com Fischer como orientador (“fiquei meio de *sparring* dele para o desenvolvimento de análises sutis e muito inventivas”), e doutorado sobre a poesia exigente de Jorge de Lima, orientado por Regina Zilberman. “Aprendi muito com a verve dele, que se manifesta no humor peculiar mas também na agudeza dele como leitor. Aliás, ele foi nosso parceiro no Sarau

Elétrico muitas e muitas vezes, sempre levando leituras finas – e na verdade às vezes grossas, banhadas de picardia.”

O depoimento é exemplar para definir a simbiose perfeita entre o palco e a página escrita que desenha o retrato de um dos intelectuais mais originais da cultura gaúcha, cuja caminhada pública confunde-se com a gênese do circuito alternativo de Porto Alegre em meados dos anos 1980. Em 1985, Pianta integrou a formação original do DeFalla, um dos grupos mais disruptivos do rock nacional. Em 1987, uniu-se aos parceiros da Graforrêia Xilarmônica.

Como guitarrista, baixista e vocalista, ele ajudou a escul-

pir uma sonoridade um tanto *sui generis*, infundindo o rock dos anos 1960, a crueza punk, o humor *nonsense*, a Jovem Guarda e o brega ao regionalismo gaúcho, deixando como legado discos fundamentais como *Coisa de Louco II* e *Chapinhas de Ouro*, além de clássicos como o hino alternativo do Rio Grande do Sul urbano, *Amigo Punk*.

“De fato, ter estado presente nesse período peculiar da nova geração do rock de Porto Alegre, especialmente do lado mais voltado para a originalidade e a inventividade, foi definidor de minha carreira”, concorda Pianta. “Essa experiência eu pude passar fortemente para meus alunos entre 1995 e 2004, na Escola de

Música Beethoven, junto a Biba Meira. E segue sendo um dos eixos do meu trabalho, ainda que meus objetivos e maneiras de fazer as coisas tenham se renovado e modificado.”

Sua precisão técnica e sensibilidade melódica também o transformaram em um colaborador disputado na cena. Atuou na Expresso Oriente e Guitar Band, de Julio Reny, criou arranjos ao lado de nomes como Marcelo Delacroix, Ronald Augusto e Arthur de Faria, e mergulhou na filosofia musical de Robert Fripp através do Guitar Craft.

A relevância de Pianta é corroborada pelo produtor carioca Kassin (ex-Acabou La Tequila), que recorda o impacto de conhe-

cer a Graforrêia na juventude, no festival Superdemo realizado no Rio de Janeiro. “Eu acho o Pianta um dos grandes guitarristas brasileiros de todos os tempos. A primeira vez que assisti à Graforrêia Xilarmônica eu devia ter mais ou menos uns 18 anos. Fiquei louco com a banda. A partir dali, começamos a ter contato com esse rock que estava sendo feito no Sul, que não chegava muito aqui.”

Essa proximidade gerou uma forte parceria. Kassin produziu o disco *Graforrêia Xilarmônica Ao Vivo*, lançado em 2006, e formou um duo de guitarras com Pianta. O projeto, que unia temas arranjados a duas guitarras com longas seções de improvisação, chegou a ser gravado em estúdio no Rio de Janeiro. Embora o registro permaneça inédito até hoje, o trabalho consolidou o elo criativo entre os músicos.

Graduado em Música pela Ufrgs, Pianta levou sua agudeza de leitor para a pós-graduação. No mestrado, destrinchou as sutilezas da arquitetura rítmica do preceptor da Nossa Nova, João Gilberto. No doutorado, migrou para a poesia hermética de Jorge de Lima. Atualmente, sua atuação desdobra-se na pesquisa transdisciplinar entre estrutura literária e música, além de investigar as pontes entre as teorias junguianas e a estética através do Paracelso - Núcleo de Pesquisa em Psicologia Analítica e Arte, do qual é cofundador junto à doutora Nadia Weber dos Santos.

Marta Felizardo, filha do grande fotógrafo Luiz Carlos Felizardo, é casada com o músico desde 2015. Ela revela a dimensão humana por trás do artista. “Para além de ser meu marido, o pai da nossa filha Cecília e a pessoa com quem eu divido a vida, o Carlo é um parceiro incrível”, conta ela. Ao longo desses anos, Marta descobriu um Carlo Pianta que descreve como uma pessoa muito humanista, que se emociona com as coisas. “Por trás desse Carlos piadista, meio ácido, tem um cara que é super observador, que presta muita atenção nas pessoas e me ensina muito sobre ouvir”. Marta também destaca a sabedoria profunda e uma adorável excentricidade que identifica no marido. “O Carlo é dono de uma sabedoria e de uma bondade imensas. Ele parece ter mil anos. É um privilégio poder conviver e desfrutar disso”.

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Aniversário inseguro

A passagem dos 168 anos de inauguração do Theatro São Pedro coincidiu, na semana passada, com a votação de um projeto de lei, enviado pelo Executivo do Estado, à Assembleia Legislativa, que teoricamente reorganizava a Fundação Theatro São Pedro, visando dotá-la de estruturas administrativas e funcionais para atender ao imenso crescimento da instituição. Aparentemente, notícia auspiciosa. Ledo engano.

O documento elaborado pela Secretaria de Planejamento, que passou pela Casa Civil e foi assinado pelo governador, foi votado e aprovado pelos deputados estaduais sem qualquer leitura crítica, nem mesmo por parte dos funcionários da Fundação que, até a sua votação, desconheciam completamente o teor do projeto. Não houve um único parecer exarado pelos deputados. Assim, o que se aprovou não atende às necessidades da instituição. Ao contrário, diminui-a e humilha sua equipe original.

Pela legislação, presidentes de Fundação e secretários de Estado estão classificados num mesmo patamar 13 de cargos e funções. No caso da Fundação Theatro São Pedro, sua presidência foi reduzida ao nível 12. Por quê? Ninguém sabe, nem foi explicado. Talvez porque é apenas o setor de Cultura do Estado. Isso tem reflexos graves para toda a estrutura fundacional, reduzindo remunerações, o que é uma enorme injustiça.

Por outro lado, como a Secretaria de Planejamento não dialogou uma única vez com a direção da Fundação, criou cargos técnicos para preenchimento exclusivo em nível universitário: com isso, iluminadores, eletricitistas e cenotécnicos foram esquecidos. Pior: dois dos segmentos mais importantes da Fundação, o da bilheteria e o da direção de teatro, ocupados há décadas por dedicados e admiráveis funcionários, deverão demitir os atuais detentores de funções, porque, apesar de todas as suas reconhecidas qualificações, eles não possuem diplomas universitários. E agora, o que se faz?

Hoje existem três salas: Theatro São Pedro, a ser reaberto em novembro, segundo se anuncia; Teatro Simões Lopes Neto e Teatro Olga Reverbel. Quantos cargos dire-

tivos foram criados? Dois. O que vai acontecer? Algum funcionário vai acumular duas funções, sem ganhar nada a mais por isso? Ou uma das salas vai ser fechada?

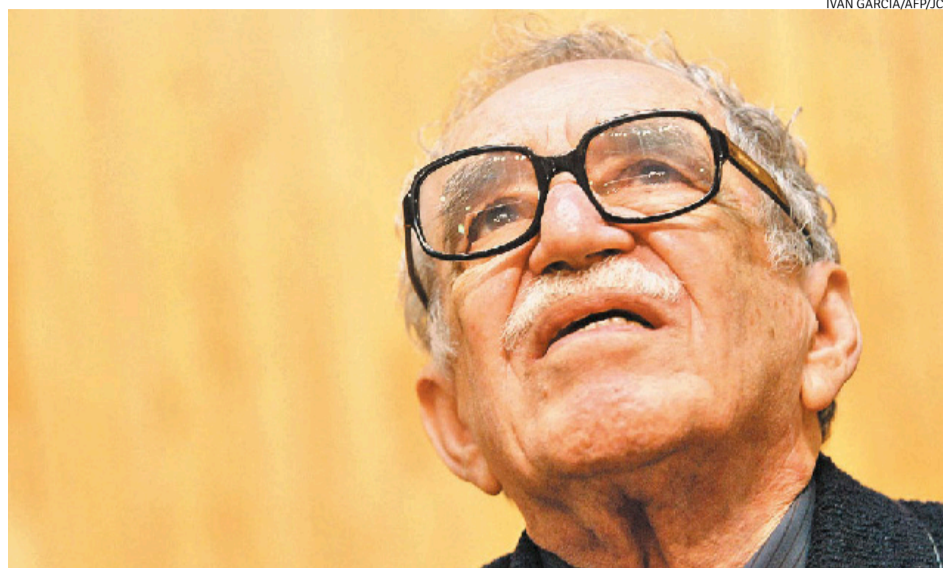
O mais grave é que todos os novos cargos e funções foram criados para preenchimento sem qualquer concurso público, ou seja, por livre e espontânea vontade da direção da Fundação (aliás, o próprio presidente dela tem sobre sua cabeça esta ameaça), do secretário da Cultura ou do governador, o que significa que não há necessidade explícita de competência e capacidade e, sim, interesse político para a sua nomeação. Não se pensou, em momento algum, em quadro permanente. Deste modo, a Fundação Theatro São Pedro está fadada a ser cabide de emprego: para ser iluminador, administrador ou técnico, não precisa conhecer a função, basta gozar da simpatia da autoridade nomeante.

Muito se lembrou, na última semana, a figura de Eva Sopher, que liderou a reconstrução do Theatro São Pedro, salvando-o da destruição. Na época, quando ela coordenou a criação da Fundação Theatro São Pedro, havia justamente a preocupação de institucionalizar a Fundação. Mas ela não venceu este desafio. Nem o então

governador Sinval Guazelli, nem os que se seguiram a ele - José Amaral de Souza, Alceu de Deus Collares, Jair Soares, Pedro Simon, Antonio Britto, Olívio Dutra, Germano Rigotto, Yeda Crusius, Tarso Genro, José Ivo Sartori, Ranolfo Vieira e o atual Eduardo Leite - reconheceram a importância de institucionalizar a Fundação. A instituição, assim, sobrevive à míngua, a partir do esforço e dedicação dos funcionários, parte em quadro em extinção; outra parte mediante cedência de outros órgãos e secretarias; uma parte contratada enquanto cargo em comissão. De seu, mesmo, a Fundação Theatro São Pedro só tem os artistas e o público, que, felizmente, isso nunca lhe faltou.

Em 2028, serão 170 anos de Theatro, quase dois séculos, de sobrevivência. Estamos às vésperas de uma nova eleição estadual. Será que algum candidato vai incluir a correção deste absurdo em seu programa de governo?

Sem institucionalização, a Fundação Theatro São Pedro sobrevive à míngua, a partir do esforço e dedicação dos funcionários



IVAN GARCIA/AFP/JC

Relançamento de *Viver para contar* revisita a infância do emblemático escritor colombiano

Biografia de García Márquez volta às vésperas de centenário

“É muito difícil competir com a infância.” Era assim que Gabriel García Márquez respondia a quem perguntava por que havia escrito “apenas” um dos três volumes previstos para suas memórias. O resultado foi *Viver para contar*, fundamental para compreender a obra do escritor colombiano.

Ali, como registra a Folhapress, estão personagens, cenários e episódios que mais tarde reapareceriam transformados em literatura. As tias que enchiam a casa com suas manias e crenças, a avó que narrava acontecimentos extraordinários como fatos corriqueiros, o avô coronel que lhe apresentou o mundo e a própria cidade de Aracataca: tudo acabaria migrando para os romances que fizeram de García Márquez um dos autores mais importantes do século XX.

Entre as lembranças mais célebres está a do avô que leva o menino para conhecer o gelo. A cena, eternizada em *Cem anos de solidão*, ocorreu numa região de calor permanente, onde as temperaturas raramente descem dos 24 graus. Como tantas outras passagens da obra de ‘Gabo’, o que parece invenção nasceu da experiência concreta.

É justamente essa relação entre memória e literatura que está no centro de *Viagem à semente*, a monumental biografia escrita por Dasso Saldívar e agora reeditada no Brasil, pela Record, às vésperas do centenário de nascimento do autor, celebrado em 2027. Lançado originalmente em 1997, o livro oferece uma oportunidade rara para visitar não apenas a vida do Nobel colombiano, mas a formação de sua imaginação.

O colombiano Saldívar trabalha quase como um historiador. Resultado de anos de pesquisa, entrevistas e viagens pelos lugares onde viveu o escritor, a obra parte de uma hipótese surpreendente: a história de García Márquez não começa em 1927, quando ele nasce, mas quase 20 anos antes.

Em 1908, seu avô, Nicolás Ricardo Márquez, matou um homem em um duelo e foi

obrigado a abandonar sua cidade. Instalou-se então em Aracataca, pequena localidade do Caribe colombiano que, décadas mais tarde, seria transformada em Macondo.

A infância tornou-se a grande obsessão do biógrafo. Para reconstruí-la, ele entrevistou personagens esquecidos, como a primeira professora, reconstituiu a casa dos avós e percorreu Aracataca em busca dos cenários que reapareceriam nos romances. Ali estavam o trem amarelo, o ciclo da banana, a presença avassaladora da United Fruit Company, os conflitos trabalhistas e políticos, os ecos da Guerra dos Mil Dias e as histórias fantásticas narradas pelos mais velhos. Em *Cem anos de solidão*, todos esses elementos retornam transformados em literatura.

Um dos maiores méritos da biografia é mostrar que aquilo tantas vezes apresentado como pura invenção possui raízes na experiência do escritor. O fantástico não surge da fuga da realidade, mas de uma observação atenta dela. Os fantasmas, premonições e acontecimentos extraordinários de Macondo nascem de uma cultura popular em que o sobrenatural convive com o cotidiano.

A própria viagem que García Márquez fez a Aracataca, em 1952, aos 25 anos, ocupa lugar central na narrativa de Saldívar. O jovem jornalista voltava para vender a antiga casa dos avós, e percebeu que ali estava a matéria-prima de sua literatura. Anos mais tarde, reconheceria no retorno uma das experiências decisivas para a criação de *Cem anos de solidão* e de outras obras.

Ao acompanhar essa trajetória, Saldívar realiza mais do que uma biografia. Seu livro funciona como investigação sobre a formação de um imaginário literário. Talvez por isso a frase de Gabo continue tão reveladora. É mesmo difícil competir com a infância - sobretudo quando ela segue alimentando uma das maiores obras da literatura latino-americana, tantas décadas depois.

fique ligado

Emicida em momento racional

Consolidado como uma figura fundamental da música brasileira contemporânea, o cantor Emicida se apresenta neste sábado, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com a turnê *Emicida Racional MCMV Tour*. O show propõe uma experiência imersiva ligada ao álbum

Emicida Racional Vol. 2: Mesmas Cores e Mesmos Valores, lançado no fim do ano passado, e percorre canções desde sua *mixtape* de estreia, de 2009, até o aclamado *AmarElo*, vencedor do Grammy Latino em 2019. Ainda há ingressos disponíveis no site Eventim, por valores entre R\$ 72,50 e R\$ 535,00.

“Mais do que uma analogia divertida com a Teoria da Relatividade, queremos que essa equação seja parâmetro para alcançar o máximo que um MC pode ser”, afirma o *rapper* sobre a turnê, que nasceu de um diálogo com a obra dos Racionais MC's, referência central em sua formação artística.



WALTER FIRMO/DIVULGAÇÃO/JC

Rapper traz a turnê *Racional MCMV* ao Auditório Araújo Vianna neste sábado; ainda há ingressos no Sympla

Orquestra da Ulbra toca Chico Buarque

A Orquestra de Câmara da Ulbra apresenta neste domingo, às 20h, na Associação Leopoldina Juvenil (Marquês do Herval, 280), o concerto *Chico Buarque - Amores Partidos*, dedicado a canções do compositor sobre amor, separação e reencontros. Sob regência de Tiago Flores, o espetáculo conta com os solistas Rê Adegas e Dudu Sperb, e inclui obras como *Atrás da Porta*, *Trocando em Miúdos* e *Anos Dourados*,

em arranjos especiais para formação orquestral. A entrada é franca, com retirada de ingressos pelo Sympla.

O programa abre com a *Suíte Holberg*, do compositor norueguês Edvard Grieg, obra que integrou o primeiro concerto da Orquestra em 1996 e marca os 30 anos do grupo, celebrados neste ano. O professor Flávio Azevedo é responsável pela contextualização histórica e musical das canções.

Dança flamenca com entrada franca

O Grupo Alma que Baila, da Cadica Danças e Ritmos, se apresenta neste sábado, às 13h30min, no Teatro Bruno Kiefer, na Casa de Cultura Mario Quintana (Rua dos Andradas, 736), com coreografias de dança flamenca. A apresentação integra o Festival

Olé Danças Ciganas, que, além da mostra artística, funciona como um espaço de intercâmbio entre escolas, grupos e profissionais da dança cigana artística e do flamenco. A programação é gratuita e a entrada do público acontece por ordem de chegada.

Tributo com orquestra para as lendas do rock inglês

O tributo Queen Celebration retorna a Porto Alegre nesta sexta-feira, às 21h, no Auditório Araújo Vianna (Osvaldo Aranha, 685), com o espetáculo *Queen Celebration in Concert Symphonique*. Liderado pelo vocalista André Abreu, que interpreta Freddie Mercury, o tributo é acompanhado por orquestra e reproduz fielmente o repertório e o figurino da banda britânica, com faixas como *Bohemian Rhapsody*, *Somebody to Love* e *Under Pressure*.

Os ingressos variam conforme o setor, com valores entre R\$ 100,00 e R\$ 450,00. As vendas ocorrem *online*, pela plataforma Sympla, ou em formato presencial, na Loja Planeta Surf do Bourbon Wallig e na bilheteria do Araújo Vianna.

AGENDA

SEXTA-FEIRA, 03 DE JULHO

- 🕒 **15h** - Museu de Arte do Rio Grande do Sul (Praça da Alfândega, s/n) promove o lançamento do catálogo da exposição *Além da forma - Abstracionismos no Margs, anos 1940-1970*. Evento inclui seminário com Francisco Dalcol e Carla Batista, e marca o encerramento da exposição, que vai até este domingo. Livre.
- 🕒 **18h** - Banda mineira Lagum se apresenta no Ginga na Beira, no Cais Mauá, com ingressos entre R\$ 100,00 e R\$ 340,00 no Sympla.
- 🕒 **20h** - Unindo teatro, música ao vivo, humor e poesia, *Ca-baré do Amor Rasgado*, da Cia Rústica, estará na Zona Cultural (Alberto Bins, 900). De R\$ 24,00 a R\$ 60,00, no site Tri.RS e na bilheteria do local. Repete sábado, às 20h, e no domingo, às 19h.
- 🕒 **20h** - Ospa recebe o violinista Cárme-lo de los Santos no concerto *A Inextinguível*, com obras de Carl Nielsen, Pablo de Sarasate e Dimitri Cervo. Na Casa da Ospa (Borges de Medeiros, 1.501). Antes, às 19h, palestra *Notas de Concerto* com Leonardo Winter. De R\$ 15,00 a R\$ 70,00 no Sympla.
- 🕒 **21h** - Banda Roadhouse Band apresenta tributo ao The Doors no Grezz, lembrando mais um ano da morte de Jim Morrison. Ingressos no Sympla por R\$ 40,00 (Lote Promo) e R\$ 50,00 (Lote Único), além da meia-entrada por R\$ 25,00.
- 🕒 **22h30min** - Ultramen, Da Guedes e Comunidade Nin Jitsu fazem show no aniversário da Pisca Produtora, no Opinião (José do Patrocínio, 834). Entre R\$ 85,00 e R\$ 170,00 no Sympla.
- 🕒 **23h** - Festa Rockwork especial Madonna, como parte das comemorações pelo lançamento do álbum *Confessions On A Dance Floor: Part II*. No Ocidente (Osvaldo Aranha, 960). Ingressos em rockwork.com.br

SÁBADO, 04 DE JULHO

- 🕒 **14h15min e 16h15min** - Cinemateca Capitólio lança novo projeto de visitas guiadas, destacando valor arquitetônico do prédio de 1928. Primeiras sessões voltadas para público infantil (14h15min) e adulto (16h15min), com 20 vagas cada. Gratuito, mediante inscrição em formulário disponível no site da Sedac.
- 🕒 **14h30min** - Contação de histórias musicada infantil *Era uma vez, conte até três* cumpre temporada no Espaço Oliveira Silveira da CCMQ (Andradas, 736). Entrada franca. Repete domingo, 14h30min.
- 🕒 **19h** - Espetáculo *4 - de amores & sombras* reúne bailarinas de quatro gerações para refletir sobre identidade e etarismo. No Teatro Oficina Olga Reverbel (Riachuelo, 1.089). R\$ 60,00 no site do Theatro São Pedro e na bilheteria do Multipalco. Repete domingo, 19h.
- 🕒 **18h** - Deborah Finocchiaro e Fernando Kike Barbosa apresentam a leitura dramática *Podres de Ricos*, na Casa Mel (José do Patrocínio, 698). Baseada na obra do sociólogo Antonio David Cattani e em diálogos com Noam Chomsky e Ailton Krenak. Ao final, haverá bate-papo entre o público, o elenco e Cattani. R\$ 50,00 no Sympla.
- 🕒 **21h** - Chico Petracco Quarteto traz releituras de brasilidades ao jazz no Espaço 373 (Comendador Coruja, 373). Entre R\$ 35,00 e R\$ 70,00 no Tri.rs
- 🕒 **21h** - Rapper Duquesa volta ao Opinião (José do Patrocínio, 834) após lançar novo EP. Entre R\$ 150,00 e R\$ 300,00 no Sympla.
- 🕒 **21h** - O pianista Francisco Petracco e seu quarteto se apresentam no Espaço 373. O show traz releituras que unem música brasileira e jazz, com foco em arranjos e improvisação. Ingressos entre R\$ 35 a R\$ 70 na plataforma Tri.rs.
- 🕒 **21h** - Grezz (Alm. Barroso, 328) recebe a banda Dedo de Dama para o show *Pode Vir Quente, Que Eu Estou Fervendo!*, com repertório dedicado a clássicos do pop rock nacional e internacional. Apresentação é parte de uma campanha de arrecadação de agasalhos, que devem ser entregues na entrada do show. A partir de R\$ 40,00, no Sympla.

DOMINGO, 05 DE JULHO

- 🕒 **16h** - Renata Pires é a artista convidada do projeto Samba do Quintana, na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736). Em caso de chuva, roda de samba será transferida para o domingo seguinte. Entrada gratuita.

reportagem cultural

LILIANE CALLEGARI/DIVULGAÇÃO/JC



Além das notas

Cristiano Bastos *

A trajetória de Carlo Pianta é um pilar fundamental na disseminação do Guitar Craft no Rio Grande do Sul, atuando como um elo direto entre a prática pedagógica de Robert Fripp e a música instrumental brasileira. O Guitar Craft (GC) é uma escola que propõe uma “maneira de fazer as coisas”, uma técnica de guitarra com palheta e uma afinação específica, fundada em 1985 pelo lendário guitarrista do King Crimson, Robert Fripp. Mais do que focar em virtuosismo, o

método propõe o uso do violão e da música como ferramentas para a atenção, a disciplina e uma conexão mais profunda com a música.

Carlo Pianta está conectado ao Guitar Craft desde 2004, quando participou do primeiro seminário dirigido por Robert Fripp, em Mendoza, na Argentina. Em 2019, sua participação no projeto passou para um outro nível quando ele começou a trabalhar junto ao músico argentino radicado no Chile, Horacio Sairafi, que dirige o trabalho no Brasil e trabalha diretamente com Fripp.

Essa parceria resultou na organização de um curso ainda naquele ano, em Porto Alegre.

Desde essa época, têm sido realizados curso residenciais anuais e performances sob a direção de Sairafi e coordenação local de Pianta. Esse trabalho consolidou o Ensemble de Guitarras de Porto Alegre e do Brasil no mapa mundial do Guitar Craft. E 2025 a Workestra (grupo de performance do trabalho) realizou uma performance em Porto Alegre, no Espaço 373.

Horacio Sairafi, que passou a compartilhar com Pianta a mis-

são de levar essa experiência aos guitarristas locais, descreve a natureza dessa busca: “Carlo Pianta é um caso notável de um músico com uma sólida trajetória local que, embora pudesse descansar e desfrutar de suas conquistas, decide trilhar um caminho que talvez o leve a reformular sua relação com a música: participar dos seminários de guitarra Guitar Craft, ministrados pelo Robert Fripp. É nesse contexto que compartilhamos cursos presenciais e um objetivo comum: compartilhar essa experiência com guitarristas de Porto Alegre.”

Desde 2004, Pianta atua em conexão com a prática pedagógica do Guitar Craft

A estrada sonora

O álbum *A estrada perdida*, lançado de forma independente em 2004, marca a estreia de Carlo Pianta em carreira solo, carregando uma atmosfera cinematográfica notável. A obra de David Lynch foi uma influência central na composição e na sonoridade que o músico buscou evocar no disco, refletindo um período de intensa transição em sua trajetória.

A canção que abre a audição, e que dá nome ao disco, foi inspirada em uma cena específica do filme homônimo de Lynch – uma estética que permeia tanto *Estrada Perdida* quanto *Cidade dos Sonhos (Mulholland Drive)*: o momento noturno em que a câmera foca nas faixas amarelas da estrada, sendo engolidas pelos faróis do carro. É uma sequência marcada pelo silêncio absoluto, onde o veículo percorre a noite solitário até estacionar no acostamento, em meio ao nada.

A sensação transmitida pelo filme é a de uma noite imperturbável; contudo, ao descer do car-

ro, o personagem se depara com um acidente recente. O silêncio anterior é subitamente rompido pelo eco de um caos latente. A tensão é palpável: as pessoas feridas e sangrando, em um cenário que, paradoxalmente, mantém sua atmosfera de isolamento absoluto. Sobre essa composição, Carlo Pianta comenta: “Foi daí que tirei a letra da música: ‘o som dos ossos quebrando, o sangue quente por cima da pele, à beira da estrada estamos morrendo, ninguém vai nos ouvir’.”

O repertório deste primeiro álbum conta com colaborações importantes, como a do guitarrista Bruno Alcalde e da baterista Biba Meira nas faixas com banda de rock tocando, como *Sinto Muito Tua Falta* e *Sozinho*. O disco contém uma exploração sonora que abarca ainda a série de peças eletroacústicas *Porto Alegre 1*, *Porto Alegre 2*, *Porto Alegre 7* e *Porto Alegre 6*, temas que integram um painel urbano ainda por ser lançado.

Erga-te, Graforrêia!

A Graforrêia Xilarmônica nasceu em meados da década de 1980, fruto da parceria entre Carlo Pianta, Frank Jorge e os irmãos Marcelo e Alexandre Birck. Desde aquele início, a banda consolidou-se como um marco do rock riograndense – algo que se cristalizou a partir do conturbado, porém decisivo, período de sua retomada, na primeira metade dos anos 1990.

A banda fez poucos, porém ruidosos shows em Porto Alegre entre 1987 e 1990. A gravação da demo *Com Amor Muito Carinho*, lançada pela independente Vórtex dos Replicantes, consolidou a banda na cena de Porto Alegre e foi o material mostrado por Carlos Eduardo Miranda para que a banda fosse contratada pela Banguela, projeto do Miranda e dos Titãs na Warner, em 1993.

Antes disso, a banda parou de atuar em 1990. Em 1992, conta Pianta, “nós tocávamos em um bar chamado Maloca, no Imbé, de um amigo nosso. Um lugar icônico, na rua, que ficava aberto até às 4h da manhã e que virou uma versão verão da Osvaldo Aranha. O bar era um sucesso absoluto: houve noites em que vendemos oitenta engradados de cerveja. Naquela época, o Alemão (Alexandre Birck) trabalhava como garçom no bar, e eu tocava com a banda Ceres. A Biba Meira tinha acabado de voltar de São Paulo e me procurou para montarmos um projeto; foi assim que a Ceres virou uma banda de



Ao lado de Alexandre Birck (centro) e Frank Jorge, no mais recente retorno da Graforrêia Xilarmônica (2025)

covers naquele lugar. Foi uma fase de muitas mudanças, inclusive quando comecei a namorar a Biba”, recorda.

A história da volta da Graforrêia Xilarmônica também nasceu ali. “O Frank Jorge, que na época estava passando um fim de semana em Imbé com os sogros, apareceu na passagem de som”, recorda Pianta. “O Alemão também estava lá, trabalhando. Começamos a tomar cachaça do outro lado da ponte e, no meio da bebedeira, resolvemos que a banda deveria voltar. Fizemos um ensaio ali mesmo, na beira da ponte: bêbados, dançando e cantando as músicas. Atravessamos a ponte, subimos no palco e fizemos o show de retorno da Graforrêia. O Frank estava tão

bêbado que cantava a dois metros de distância do microfone, mas aquela foi a nossa volta.”

Naquela época, Miranda, guru e desbravador do rock gaúcho, estava em São Paulo com a fita *Com amor muito carinho* debaixo do braço. “Voltamos como trio, o Alemão, o Frank e eu. O Miranda ficou sabendo dessa nossa volta, e nos ligou dizendo que tinha colocado nossa fita para rodar para todo mundo em São Paulo e que tinha conseguido um contrato com o selo Banguela para participarmos de uma coletânea. Eu e o Alemão estávamos juntos na minha casa e pedimos uma pizza pra comemorar. Por engano veio de aliche, que detestamos. Foi assim que a banda voltou oficialmente.”

RAUL KREBS/DIVULGAÇÃO/JC



Carlo Pianta (segundo à esq) na época da reunião do DeFalla, em 2016

Perguntas e respostas

JC - Qual o significado da música em tua vida?

Carlo Pianta - A música sempre foi algo fortíssimo para mim. Minhas memórias mais antigas são dos primeiros anos de vida. Eu nasci fã do Roberto Carlos e, embora não me lembre conscientemente disso, minha avó contava que, por volta de 1969, quando eu tinha uns dois anos, eu chorava nos intervalos do programa do Wanderley Cardoso porque eu queria que o programa voltasse, gritando “doso! doso!”. Ela tocava piano, e eu comecei a aprender com ela; com três anos, eu já me sentava ao piano, inventava alguma coisa e pensava: isso é fazer música, sou compositor!

Minha tia foi fundamental nessa formação. Ela é de 1952 e pertenceu à primeira geração da contracultura de Porto Alegre, da Arquitetura da Ufrgs. Quando eu nasci, ela tinha 15 anos e criou uma conexão muito forte comigo. Com cinco anos, decidi que viraria hippie e deixaria o cabelo crescer, passando a infância inteira com ele comprido. Houve um dia marcante em que cheguei à casa da minha avó e minha tia me entregou uma pilha de discos velhos,

dizendo: Isso aqui é a sua herança. Eu nunca tinha ouvido falar em herança antes. Tinha de tudo um pouco ali: Jackson 5, Byrds e Beatles.

JC - Fale sobre o seu aprendizado.

Pianta - Estudei piano e flauta ainda pequeno. Aos nove anos, ganhei um violão e comecei a ter aulas com a Flávia Domingues Alves (que hoje é professora no Instituto de Artes da Ufrgs) no Instituto Palestrina. Pouco tempo depois, comprei uma guitarra e comecei a ensaiar com a turma. Com um desses parceiros, Marcelo Delacroix, mantemos a parceria até hoje. Com 12 ou 13 anos, já estávamos fazendo barulho e, em 1984, fiz meu primeiro show com a banda Fluxo (com Edu K e Biba Meira, embrião do DeFalla). São 42 anos de carreira.

JC - Sobre o João Gilberto, um dos seus interesses acadêmicos. Qual é o papel dele na Bossa Nova e como isso se relaciona com sua dissertação de mestrado?

Pianta - O título é *João Gilberto, Tom Jobim e a gênese da Bossa*

Carlo Pianta reflete sobre momentos fundamentais de sua carreira, destacando faixas e projetos que marcaram sua trajetória artística.

“Em minha primeira banda, DeFalla, fui baixista. Tem duas faixas disso no (disco coletânea de 1986) *Rock Grande do Sul, Você me disse e Instinto sexual*. No primeiro disco não toquei, mas boa parte do repertório, como *Alguma coisa* e *Sodomia*, é também de minha autoria. Em 2015 voltei a tocar na banda e, no disco *Monstro*, gravei as faixas

presença nas obras seguintes. Assim como em *Com Amor Muito Carinho*, nela constam canções fundamentais da Graforréia, em versões alternativas gravadas durante os primeiros anos de frenesi criativo do conjunto. *The Best of Graforréia Xilarmônica* teve sua tiragem bancada em 1994 pela loja Toca do Disco.

Coisa de Louco II (1995)

Um álbum de estreia antológico, que segue sendo celebrado como uma das mais deliciosas anomalias do rock brasileiro. Originalmente lançado em CD, pelo lendário selo Banguela



Carlo Pianta e o Solaris, sintetizador que André Paixão pilota na parceria de ambos para o Carnavolts

Nova. A gênese do movimento, de fato, reside na conjunção entre esses dois artistas. João Gilberto foi um cantor de excelência, inserido em uma tradição que, à época, não pertencia ao *mainstream* brasileiro – dominado pelo samba-canção e pela música regional. O tema surgiu gradualmente, a partir de 1990, quando comecei a me aprofundar na obra de João Gilberto. A música dele me atingiu com a mesma intensidade que o trabalho de artistas como David

Ken Kesey e Timothy Leary.

“Com a Graforréia Xilarmônica, guitarrista: a carreira mais longa, que segue... Penso que a primeira demo, *Com amor muito carinho*, é uma das coisas mais representativas da banda, um quarteto de rock muito peculiar. Há as faixas das quais fui co-autor, *Eu, Você foi embora* e *Beethoven*. Gosto muito do *Coisa de Louco II* e do *Chapinhas de Ouro*, é difícil escolher uma música. *Nunca diga* é uma baita gravação!

O trabalho com o Julio Reny, como baixista teve dois momentos: primeiro, a *Expresso*

Records, o disco consolidou a fusão ousada e descompromissada de Jovem Guarda, música brega, rock de garagem e o regionalismo escrachado da chamada “estética da chinelagem”. A *Monstro Discos* disponibilizou o álbum em luxuosos discos de vinil de 180 gramas, que rapidamente viraram alvo de disputa entre colecionadores.

Chapinhas de Ouro (1998)

No segundo disco, a Graforréia resgatou, em seu título e na capa, o nostálgico álbum de figurinhas de metal colecionáveis. O universo pop que caracterizou as páginas da

Bowie, Prince ou Talking Heads. Era algo singular, que estabelecia uma comunicação direta e pessoal comigo. A partir daí, passei a estudar suas composições, transcrevê-las e incorporá-las ao meu repertório. Fiz, inclusive, shows baseados nessa pesquisa, como o projeto *Ceres interpreta Tom Jobim e imita João Gilberto*. Não se trata de uma pretensão de igualar a qualidade técnica de um gênio, mas de um reconhecimento da magnitude dessa música.

Oriente entre 1987 e 1989 (antes do primeiro disco), que tem as músicas *Anita* e *Expresso Oriente*, integrantes da coletânea *Rio Grande do Rock* (1988) e produzidas por Miranda, disponíveis no YouTube. Depois a *Guitar Band*, em 1991-1994, que tem as músicas *Thomás & a Lagoa*, *Café Marra-kesh*, *Mil Noites* e *Aconteceu num verão* na coletânea *A caminhada de Julio Reny* (2004).

Meu primeiro e único álbum solo, *A estrada perdida*, foi um marco na minha carreira, quando comecei a trabalhar com músicos de São Paulo (Chimpan-

publicação dos anos 1970 condiz com as 12 canções do disco, lançado em 1998 pelo selo Zoom Records.

Ao Vivo (2006)

Registro que captura com precisão a energia única e a irreverência das apresentações da Graforréia. Gravado no auge da banda gaúcha, o disco traz, em 19 faixas, os maiores clássicos de sua carreira ao lado de temas então inéditos, como *40 Anos*, *Enchente de 41* e *A Técnica do Baixo Elétrico*. É possível ouvir o disco em plataformas de streaming e no Bandcamp oficial da banda.

JC - Existe um paralelismo possível entre a técnica de João Gilberto e o Guitar Craft de Robert Fripp?

Pianta - Sinceramente, não vejo essa conexão. O paralelo mais adequado para João Gilberto seria Ray Charles. Ambos foram grandes instrumentistas e cantores que, ao absorver a tradição de suas respectivas culturas, transformaram-na em algo completamente novo. No cenário do *Great American Songbook*, todos os grandes nomes surgiram dentro de um contexto específico. No entanto, nenhum artista periférico ao centro do capitalismo atingiu a dimensão técnica e criativa de João Gilberto. Ele é, seguindo a classificação de Ezra Pound, um “inventor” e um “mestre”.

A revolução técnica de João Gilberto é inegável. Ele eliminou o vibrato na voz, conferiu uma precisão cirúrgica à articulação das consoantes e reconfigurou o violão. Essas inovações só se tornaram possíveis graças à tecnologia de gravação e ao uso do microfone, que permitiram uma audição detalhada, de intimidade. Como defendo em minha dissertação – dialogando, inclusive, com teóricos como Brian Eno –, essas inovações técnicas são indissociáveis da própria estética que ele criou.

zé Clube Trio e Seychelles) e Rio de Janeiro (Acabou a Tequila, Kassin, André “Nervoso” Paixão). Estou no momento trabalhando na finalização do segundo álbum, que foi gravado em 2004, *A cidade do espaço*. Com o André Paixão, o Nervoso, tenho o projeto Carnavolts, com um sintetizador de Arthur Joly, o Solaris, e eu improvisando. Está no Spotify.

Tive diversas bandas autorais, especialmente a Grou e a Ceres, a primeira tem uma coletânea própria pela Vórtex, a segunda tem duas faixas na coletânea *Assim na terra como no céu* (1991).”

Em primeira pessoa

Discografia da Graforréia Xilarmônica

Sem as guitarras indomáveis de Carlo Pianta, a Graforréia Xilarmônica não seria a mesma coisa – e sem a Graforréia, o rock brasileiro como um todo perderia muito de sua graça.

The Best of Graforréia Xilarmônica (1994)

Surgida um ano antes do lançamento do álbum *Coisa de Louco II*, essa coletânea em fita cassete antecipou várias canções que marcariam



Cristiano Bastos é jornalista e autor de *Julio Reny – Histórias de amor e morte* (Prêmio Açorianos de Melhor Livro em 2015), *Júpiter Maçã: A efervescente vida e obra, Nelson Gonçalves: O rei da boemia, Nova carne para moer e Gauleses irreduzíveis – Causos & Atitudes do Rock Gaúcho*. Também publicou, em 2023, a obra de jornalismo e artes gráficas *100 grandes álbuns do rock gaúcho: influências e vertentes* (Nova Carne Livros).

nas telas



PANDORA FILMES/DIVULGAÇÃO/JC

Prêmio do Juri em Berlin, *Salvação* é estreia nos cinemas da Capital

Disputas e fanatismo em uma aldeia turca

Grande Prêmio do Júri no Festival de Berlin, *Salvação*, escrito e dirigido por Emin Alper, é uma parábola sobre o medo do outro, a partir de um massacre motivado politicamente no núcleo de um clã na Turquia. Inspirado em um caso real ocorrido em 2009, o longa é ambientado em uma aldeia remota no alto das montanhas turcas, na qual o regresso de um clã exilado reacende uma antiga

disputa de terras. Ressentimentos adormecidos ressurgem e Mesut, irmão do líder local, é acometido por visões perturbadoras que acredita serem avisos divinos. À medida que as convicções religiosas, as lutas pelo poder e as tensões aumentam na comunidade, vai se criando um cenário que pode conduzir tanto à salvação coletiva quanto a uma tragédia imprevisível.

Grande mosaico kafkiano

Um dos escritores mais icônicos e estudados do século XX, Franz Kafka (1883 – 1924) transcreveu em sua obra todas as angústias, dilemas e vivências dos seus 40 anos de vida. No longa *Franz*, estreia nos cinemas de Porto Alegre, a diretora Agnieszka Holland construiu a cinebiografia do autor tcheco como se fosse um grande mosaico

kafkiano, em que o acompanhamos - de maneira não linear - desde a infância em Praga até a morte em Viena, incluindo as passagens mais marcantes da sua vida, as opiniões dos amigos próximos e a influência que exerce nos tempos atuais. O filme foi selecionado pela Polônia para concorrer ao Oscar de melhor filme internacional em 2026.

Os Minions revolucionam Hollywood

Terceiro capítulo da aclamada franquia Minions, derivada de *Meu Malvado Favorito*, *Minions & Monstros* se passa na Era de Ouro do cinema e traz James no papel central. Diferente dos outros Minions, ele é solitário, criativo e insatisfeito em ser apenas mais um membro da tribo a serviço de outra pessoa. James quer fazer

filmes e, ao fazer isso, sem querer libertará uma gangue de criaturas que têm a intenção de destruir o mundo. Desta forma, o novo longa da franquia da Illumination, que já soma US\$ 5 bilhões em bilheteria global, revelará ao público como os Minions foram fundamentais para a criação do cinema de Hollywood.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Romance de Erico Verissimo	Avalia os melhores restaurantes do mundo "(?) para banho", placa em praias poluídas	Implicito Órgão de inteligência dos EUA	A síntese do yin e do yang (Filos.) A mão vazia, no jogo de palitinhos	Anatel, Aneel, ANS e Anvisa Laço (fig.)
Abalo (?): terremoto	Vítima do parricida Ampère (símbolo)	Presidente da Venezuela Iludir	Não, em francês	A cópia ilegal de software
Preceito cristão		Transtorno do Espectro Autista (sigla)	O número 3,1416 (Mat.)	
Medo de adoecer	Vitamina do tomate "Preços", em IPCA	Dígrafo de "sagui" (?) de dados, crime cibernético regulado pela LGPD	"Risos", nas redes sociais	
Cantora de "Believe"		Delirar; enlouquecer	Sobremesa tradicional no Sul do Brasil	
Ave aquática	Agradáveis ao tato	Estado do Museu Goeldi	Arthur Zanetti, ginasta brasileiro	
Benefício social		(?) de sangue, fenômeno astronômico	"(?) das Garrafadas", episódio histórico do Brasil Império	
			Ar, em inglês	
			Irmã (fam.) Vento brando	
Invalidam Proteção de enfermeiros	Diz-se de época de grande esplendor	Gênero de Xamã	Mineral do agrário Sinal de nasalção	
		Alimentar		
Flexão do verbo "ser"	Poeta que teve como uma de suas musas a atriz Eugênia Câmara	Formato do rodo do crupiê	Conquista de Verstappen na F1 (2023)	Está bem (pop.)

BANCO 3/air — non — rap. 4/cher — sagu. 8/pelcano. 22

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

QR code and logo for COQUETEL.

Solução

S	E	L	V	O	T	S	V	A	C
V	I	R	T			E			
R	I	T	U	N	V	L	U	L	
O	D	E	V	A	R	E	V	A	
L	N	V	M	M	L	P	N	V	
L	V	V	V	P	S	I	P		
U	G	V	S	Z	V	T			
T	E	O	N	O	C	I	L	E	P
V	R	V	A	V	R	L	E	H	C
S	R	S	U	G	P	C			
V	A	I	D	N	O	C	O	P	H
I	P	I	V	E	T	E	A	M	A
C	V	M	A	P	A	V			
N	O	N	O	C	I	M	S	I	S
E	G	N	O	L	V	A	C	I	M
V					T	T			G

Horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

♈ Áries: Atenção às atividades de deslocamento, transporte e comunicação no cotidiano. Há riscos por precipitação e gestos impensados. O melhor são o arrojo e a possível renovação.

♉ Touro: A precipitação pode levar a prejuízos materiais, a desperdícios ou acidentes. Por outro lado, ações decididas e firmes podem conduzir a soluções renovadas e promissoras.

♊ Gêmeos: Urano junto a marte no seu signo indica forte disposição à rebeldia, induzindo a sentimentos libertários, um tanto desagregadores. Você tende a promover rupturas.

♋ Câncer: A saúde física merece especial atenção, em especial o sistema nervoso e o circulatório. Procure evitar aquelas confusões e brigas, sem as quais pode passar muito bem.

♌ Leão: Marte e urano indicam tendência em radicalizar quanto às opiniões, aos gestos e ao direcionamento de vida. Com os amigos e os grandes planos, agora é tudo ou nada.

♍ Virgem: Uma ruptura pode acontecer no âmbito profissional e nas funções em que tem autoridade. Ações contundentes, precipitadas e radicais precisam ser canalizadas para o bem.

♎ Libra: As decisões quanto a planos de longo prazo tendem a se precipitar ou acelerar. Apesar do impulso arrojado, é preciso boa pontaria para atirar-se numa decisão instantânea.

♏ Escorpião: A precipitação, as ações impulsivas e excêntricas estão na ordem do dia. Cuidado com o uso descuidado e com o descontrole quando lidando com forças maiores que você.

♐ Sagitário: As parcerias e alianças estão sob um forte risco de desagregação, ações excêntricas e impulsos individualistas. Os desnudamentos surgem do nada e repentinamente.

♑ Capricórnio: Alterações violentas das condições de conforto e saúde podem provocar danos ao organismo. Forte tendência para passar dos limites do corpo. Veja lá.

♒ Aquário: Impulsos sentimentais incontroláveis e agressivos motivam ações as mais impensadas. O desejo de liberdade tende a levá-lo a extremos para impor seus desejos.

♓ Peixes: Você tende a se sentir reprimido pelo ambiente familiar. A liberdade pessoal lhe sensibiliza. Os exageros para romper com tudo podem quebrar estruturas importantes.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Romance de espionagem com ficção filosófica

O lago da criação (Todavia, 432 pág, R\$ 99,90), da premiada escritora americana Rachel Kushner (Prêmio Médicis), é um romance no sentido clássico, vibrante e intrincado, simultaneamente verborrágico e conciso, íntimo e cosmopolita, que mescla bem espionagem, erudição, sabedoria e igualmente é engraçado. Rachel é autora dos *best-sellers* do The New York Times *Mars Club* (Todavia, 2019), *Os lança-chamas* (Intrínseca, 2014) e *Telex from Cuba* (2008), do livro de contos *The Strange Case of Rachel K* e do livro de ensaios *The Hard Crowd*. Rachel Kushner tem sido considerada uma das maiores escritoras de língua inglesa da atualidade.

O romance traz Sadie Smith, uma espia de 34 anos e de táticas implacáveis que é enviada à França para fazer o trabalho sujo de seus empregadores. Ela vai a uma comuna rural de

eco-subversivos, com a missão secreta de observá-los. Ela seduz Lucien, num encontro que seu amante parisiense acredita ter sido apenas acidental. Ela o utilizará até o momento em que ele for útil. Sadie é grande estrategista, hábil dissimuladora e obedece às ordens de seus contatos: misteriosos empresários e agentes sombrios do governo que a utilizam para provocar e desestabilizar seus alvos.

Numa região de fazendas e cavernas pré-históricas, Sadie conhece o enigmático Bruno Lacombe, mentor dos jovens ativistas e que supostamente mora numa rede de cavernas da região. Para Lacombe, que seduzirá Sadie de vários modos, o caminho da emancipação não estaria numa revolta aberta, mas sim num retorno ao passado.

Num romance sinuoso, tenso e deslumbrante e com grande sutileza, a autora mostra seu es-



O lago da criação
Rachel Kushner

tilo único, comovente e engraçado e trata de discussões filosóficas, da história dos movimentos sociais na França e revela um labirinto de ativistas, pensadores, agentes e sabotadores. Esse romance é a obra mais marcante da autora, que já foi traduzida para 29 idiomas.

e palavras...

CHURRASCARIA SANTO ANTÔNIO, A NOVENTONA LÉPIDA

Conheci a eterna Churrascaria Santo Antônio - a churrascaria de origem italiana - imortalizada pelo filé na chapa - há uns 60 anos, na época dos milicos, do chubidu e da jovem guarda. A Santo era uma balzaqueana de trinta e poucos anos. Eu era jovem, muito jovem, e o Jorge e a Elaine Aita também. O saudoso, querido Caetano Aita (posso perder o filé, mas não o cliente) e os lendários garçons Arino e João Moacir também eram meio guris. Porto Alegre era ainda uma açoriana meio tímida e os domingos passavam lentos e elegantes. Os hippies, a pilula anticoncepcional, a revolução sexual e 1968, o ano que nunca acaba, estavam por chegar. Porto Alegre andava de bonde amarelo bonde.

A Santo fez 91. É uma noventona lépida e faceira, rumo aos dois, três ou mais centenários, tipo o Sobrino de Botin, restaurante espanhol de 1725, o pai de todos. A quarta geração, com Rafael e Fabrício, segue a tradição, mas dando umas renovadas na churrascaria mais antiga do Brasil. Antes, os gaúchos só comiam churrasco em casa ou na casa dos outros. Com a Santo Antônio, foram comer churrasco fora mas em casa, que a Santo é extensão dos lares dos porto-alegrenses, gaúchos, brasileiros e estrangeiros.

Santo Antônio - Desde 1935 - Primeira Churrascaria do Brasil - Cozinha Italiana com Alma Gaúcha (Critério Editorial, 276 pág), bela obra com concepção editorial, pesquisa, organização, redação e preparação do experiente e competente jornalista, editor e homem público Mateus

Colombo Mendes, diretor da Critério, traz aos leitores a história da churrascaria que corporifica o melhor da culinárias e almas gaúcha e italiana. As belíssimas fotos são de Edivan Rosa e Maicon Hinrichsen.

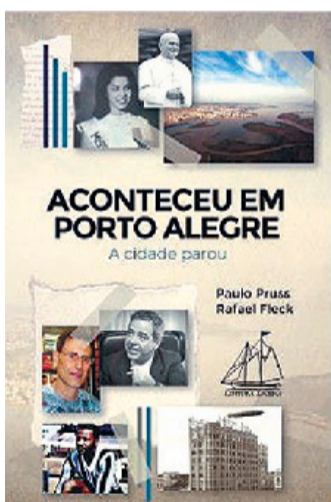
Os textos do livro e os comoventes depoimentos de Jorge e Elaine passam o mesmo calor que as brasas que assam as carnes da Santo, especialmente nas páginas que contam sobre o verdadeiro renascimento da Santo Antônio. Depois de momentos difíceis, ela ressurgiu a partir de palavras do filho Fabrício que motivaram Jorge e Maria Olinda a não desistir da Santo Antônio, que é herança, alma, identidade e futuro e muito mais do que simples empreendimento empresarial.

Os depoimentos de amigos e clientes como Tânia Carvalho, Clovis Tramontina, José Ivo Sartori, Eduardo Leite, Sebastião Melo, Newton Kalil, Jorge Gerdau, Elson Furini e Dado Schneider dão a dimensão da importância da Santo Antônio como local de convívio fraterno e sensação de continuidade da vida, dos afetos e das boas tradições.

Dá vontade de comer as fotos em cores vibrantes e quentes com os deliciosos pratos da Santo, e uma das melhores partes do livro é, sem dúvida, a presença das receitas da casa, para que se possa fazer e comer em casa as iguarias que vão recebendo a pátina do tempo e se incorporando às memórias das gerações.

Tramontina, Chopp Brahma, Salton e Vero apoiaram o projeto deste livro, que pereniza os primeiros 91 anos da Santo.

lançamentos



► **Aconteceu em Porto Alegre - A cidade parou** (Editora Escuna, 164 pág, R\$ 60,00), de Paulo Pruss e Rafael Fleck, com apresentações dos jornalistas Flávio Dutra e Milton Gerson, traz, com graça e humor, 23 acontecimentos marcantes da Capital, como o assassinato de Daudt, o crime de Flávio Alcaraz Gomes, neve em Porto Alegre, a visita do Papa e outros fatos que pararam a cidade.



► **Nunca é só por dinheiro - Um guia sobre luto, herança, traumas e as conversas que podem salvar uma família** (Matrix, 168 pág, R\$ 36,00), de Flávia Lippi, escritora, psicanalista e especialista em desenvolvimento humano, mostra o luto encarando o não resolvido em vida, disputas por dinheiro, imóveis ou simples objetos que são apenas a ponta do iceberg de conflitos emocionais gigantes - e como pode haver cura e reconexão.



► **14 de maio - Lições de resistência ao racismo** (Zahar, 160 pág, R\$ 64,00), de Helio Santos, doutor em administração pela FEA-USP, professor universitário, escritor, pesquisador e ativista da questão racial, é um poderoso ensaio memorialístico de um grande nome do movimento negro, com lições que iluminam caminhos para transformar o País a partir do legado da escravidão.

a propósito

Uma churrascaria ou um restaurante, especialmente com mais de 90 anos de existência, não é apenas um espaço físico ou mero empreendimento mercantil. Seus espaços abrigam histórias, memórias, gestos, afetos e um infinito de emoções que sobrevivem ao tempo. A Santo Antônio, rumo aos centenários, se tornou pa-

trimônio histórico-afetivo da comunidade e convida para celebrar, com tradição e renovação, as delícias da mesa, do espírito e o motivo maior da vida, que é a arte do encontro, como poetou Vinícius de Moraes. Mais longa vida para a Santo Antônio, que sacia todas as fomes.

(Jaime Cimenti)

sangue novo

Chico Petracco vive o jazz entre o Brasil e os EUA

Joana Luna Camargo

Chico Petracco era criança quando foi ao cinema com os avós ver o filme *Up, Altas Aventuras*. Ao chegar em casa, sentou no piano e ficou ali procurando, entre as teclas, a valsa do filme de ouvido, nota por nota, até ter algo para tocar. “Fui mostrar para eles no dia seguinte. Primeiro ficaram desconfiados que a música não era assim, mas depois foram ouvir e era mesmo como eu toquei”, relembra.

A cena poderia parecer previsível para quem nasceu cercado pelo ambiente musical, já que é filho de Márcio Petracco, integrante da banda TNT, lenda do rock gaúcho, e também irmão do multi-instrumentista Pedro Petracco.

Mas Chico faz questão de lembrar que ficou quase dez anos sem tocar desde o primeiro contato com o instrumento até a adolescência, momento que o interesse foi redescoberto naturalmente.

As aulas de piano de fato começaram apenas em 2019, quando tinha 15 anos, com a pianista Elaine Foltran, que logo o apresentou à sua mestra Dirce Knijnik, uma das professoras mais respeitadas do meio musical do Rio Grande do Sul, falecida há dois anos. A conexão com Dirce o levou até Alessandra, que foi aluna dela e hoje é professora do Chico na University of North Carolina, na cidade de Greensboro. Antes, passou pela University of South Dakota, em Vermillion, onde chegou em 2023 com 18 anos e uma



Filho de nomes fortes da cena, Petracco foi aos EUA com 18 anos estudar piano

bolsa conquistada via audição. “Eu achava que falava inglês super bem. Até chegar lá e me dar conta de que não é bem assim. Para uma conversa mais informal, levou um tempinho”, admite.

Em menos de três anos nos EUA, acumulou uma lista de prêmios que inclui o primeiro lugar no XIII Concurso Internacional de Piano Edna Bassetti (2022), o Concurso Nacional de Piano Casa da Música e o Concurso Nacional Olhares da Cena (2023), além da competição da South Dakota

Music Teachers Association na categoria de piano universitário e o Concurso de Concerto da USD. Tocou como solista com orquestra no Festival de Música de Carazinho e com a Orquestra Sinfônica da USD. Suas referências pianísticas vêm principalmente do clássico, entre os nomes citados estão Nelson Freire, Arthur Moreira Lima, Guiomar Novaes; mas ele descreve seu gosto como eclético, transitando entre o erudito e o popular.

Quando volta a Porto Alegre, a rotina muda de tom. “Para

mim é muito emocionante tocar aqui, porque tu voltas e tocas com pessoas que tu já admiras, já tens contato, cruza pela cena fazendo coisas legais”, diz. Nessa pausa das férias de verão do hemisfério norte, toca aqui no hemisfério sul com a banda Wesley e os Lancasters, formada a partir de um encontro no clube da Dama do Jazz, Ivone Pacheco, o Jazz Take Five, com o baterista Luciano Bolobang, que o abordou depois de um show em que o pianista deu uma palhinha e propôs tocarem juntos. O grupo reúne ainda o baixista Antônio Nader, amigo de infância de Chico. O repertório parte de diversos gêneros: “Se for tentar dividir bem certinho o que é bossa, MPB, samba, funk, soul, no fim das contas são rótulos meio comerciais. É uma mistura de música de diáspora com raízes africanas.”

Sobre a capital gaúcha, o músico possui uma visão que equilibra o afeto e a lucidez. “É uma cidade de quem, às vezes, se fala muito mal, mas tem uma cena artística muito interessante”, pondera. Para o futuro próximo, a ideia é continuar nos EUA para o mestrado; depois disso, a Europa aparece como um possível destino, a exemplo de tantos jazzistas do passado.

qual é a boa?

Toda sexta-feira, a equipe do Jornal do Comércio traz dicas de como aproveitar a agenda cultural de fim de semana em Porto Alegre. Nesta edição, tem leitura dramática, muita música e até visita a prédios históricos. Confere aí!



Minha dica é chegar junto na Casa Mel, na Cidade Baixa, onde, às 18h deste sábado, acontece um encontro teatral instigante. Consagrados e premiadíssimos, Deborah Finocchiaro e Fernando Kike Barbosa se unem na leitura dramática *Podres de Ricos*, jogando luz sobre a extrema riqueza e suas mazelas na sociedade. Inspirada nas provocações de Noam Chomsky, a dramaturgia foi construída a partir de textos do sociólogo Antonio David Cattani, dialogando ainda com as visões potentes de Ailton Krenak. Após o espetáculo, tem bate-papo com Cattani e o elenco. Te agenda para prestigiar o talento dessa dupla e aproveita para fazer parte dessa provocação social tão atual.

Adriana Lampert,
repórter de Cultura-JC



Se tu também acredita que sempre cabe mais uma música do Djavan na trilha sonora da vida, já fica a dica. Pela primeira vez, o DJ Nyack traz a turnê *Djavaneio - A Festa* para a capital gaúcha. Natural de SP, Nyack já é velho conhecido dos gaúchos, com várias passagens por aqui, tanto solo quanto acompanhando artistas como Emicida. Agora, ele desembarca com um set especial de cinco horas, passeando pelos clássicos de Djavan e por versões que dialogam com sua obra. O encontro é Clube do Comércio, das 17h às 22h, com produção da Stay Black, Juba Cultural, Diskool e Clube do Comércio. Promessa de um encerramento de domingo com muita música e uma *vibe* incrível.

Júlia Fernandes,
repórter do GeraçãoE



Neste sábado, às 21h, o Opinião vai receber pela terceira vez o show de Duquesa, um dos grandes nomes do rap feminino brasileiro e que traz em suas músicas a liberdade e o empoderamento das mulheres. ‘Duque’ sabe como ninguém transitar entre o trap e o R&B, e sabe como ninguém subverter as expectativas do nicho, ocupando o espaço com a mesma ousadia que consagrou grandes nomes masculinos, mas com uma autenticidade inegociável que está revolucionando a cena. Para quem vai ao show pela primeira vez, já aviso: *Primeiro de maio* e *Fuso* são duas músicas que têm tudo para fazer o Opinião cair com tanta energia boa.

Fabiola Correa,
fotógrafa-aprendiz do JC



Uma das formas mais fascinantes de explorar o espírito de uma cidade é visitando e observando o seu patrimônio histórico. Quem gosta do assunto terá uma boa oportunidade de aumentar o seu encantamento por Porto Alegre neste sábado. A Cinemateca Capitólio vai abrir dois horários (um para crianças e outro para adultos) para uma visita guiada ao prédio que abriga o centro cultural, erguido nos anos 1920 e que carrega consigo muitas histórias ligadas às artes na Capital. É de graça, mas com vagas limitadas, então vá direto ao site da Sedac e acesse o formulário para inscrição. É uma viagem ao nosso passado que certamente vale a pena.

Igor Natusch, editor
de Cultura do JC